

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 7

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica, 154
GUIMARÃES

Director,
N. L. de Carvalho

Propriedade da Empresa da «Alvorada»
Guimarães, 7 de janeiro de 1911

Administrador,
Rodrigo Pimenta

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAYO GALVÃO

Propaganda rural

Vae iniciar-se uma serie de conferencias, para propaganda rural do novo regimen republicano, pelas diversas povoações e subúrbios do nosso concelho.

Ellas traduzirão um alto interesse para a consolidação da vasta obra da Republica, e, sem ella, dizer-se que estamos n'uma nação de cidadãos republicanos — é um erro, pois que a verdadeira doutrina republicana não penetrou ainda na consciencia das multidões da provincia. Longe, muito longe estamos ainda de que isso represente uma verdade consummada.

A Republica preparou-se e educou unicamente a população da capital e das grandes cidades, especializando o sul do paiz. Para o norte, e, sobretudo, na massa popular, ella consistia n'uma utopia, quando se não urdisse á volta da sua palavra uma ideia de revolução e anarchia. E' um facto comezinho, que quando a uma creatura rustica se fallasse em Republica, ella se aterrorisava julgando que Republica — era andar tudo *sem rei nem roca*...

Este era o juizo nitido que essa gente nescia formulava do regimen democrata.

Realizou-se o seu advento, e, como fosse imprevisito, não houve tempo para anticipados terrores. Mas não se julgue que essa grande massa se desilludiu da falsa conjectura que formava das novas instituições, mas que ella vive inquietamente á espera d'*alguma coisa má que está para acontecer*... — consequencia inevitavel da Republica se ter implantado. Se se cala não é confiante nos seus designios, esperancada na sua legislação, crente de que o governo lhe ha-de revindicar os lidimos direitos e liberdades: — cala-se porque teme que a levem para as galés, e crê aproximar-se o dia em que lhe lançarão peza-dos tributos, para a tornarem mais escrava ainda que nos tempos da monarchia!

Será isto para muitos a Republica ainda hoje, porque nós não desconhecemos a escura ignorancia do nosso povo, cujo espirito atravessa uma constante noite cerrada. Levemos-lhe luz. Façamos d'elle não uma plebe ignara e inconsciente, com uma vida instinctiva, — mas um povo de verda-

deiros cidadãos e sinceros patriotas.

Ensinemos-lhe que a Republica é um regimen de democracia e justiça, ao lado do qual devemos unir os nossos esforços, commungando nos mesmos ideais, defendendo nobres aspirações, luctando pelo progresso — livres de preconceitos e de feudalismos, — e fazendo com que esta patria, durante seculos ludibriada pela tyrannia dos reis e dos governos, seja uma patria gloriosa e feliz, em que as leis sejam as mesmas para os ricos e para os pobres.

Jeronymo d'Almeida.

ECHOS

A semana

Com pandeiros e instrumentação *ad hoc*, o rapazio aos grupos e aos bandos, anda de porta em porta e de casa em casa — *llim, llim, llim*, cantando os «Santos Reis do Oriente». E' da tradição. A' noite os grupos saindo do estribilho, tomam feição diversa, cantando em musica pretenciosa versos mal rimados — sempre, está claro, visando um fim... *altruista*. E a bda gente da terra, depois da reza da ceia, vem para a rua, arrastando os soccos, ouvir a costumeira:

«Quem diremos nós que viva
Dentro dum copo dourado;
Viva o senhor desta casa
Que é S. Gonçalo deitado.»

E o côro segue esperançado na *offerta*, lisongeando todos os da casa, desde a creada que é «*ramalhele quando veste o seu corpete*», ao menino mais novo «*qu'inda espera dizer missa*», terminando mais das vezes — os tempos estão *bicudos* — por esta girandola de imprecções:

«Esta casa é de breu
Aqui mora algum judeu.
Esta casa é de barro
Aqui mora algum diabo.»

Coitados dos rapazes; deixemol-os passar. São o fio da tradição.

Sem chicana

A *Velha Guarda*, embora não tivesse coragem para claramente o afirmar, está, todavia, de accordo connosco, quanto á immobildade da Commissão Municipal.

E', quanto ás nossas relações com o collega, o que nos importa. Quanto ao interesse das per-

guntas ellas ficaram sem satisfação e isso é motivo para de novo as formularmos, em synthese, sempre na unica intenção, (intenção generosa) de que nos oiçam:

—O que faz a Commissão Municipal... que nada faz, tendo tanto que fazer?

Se a accumulção foi feita por prazer pessoal, o que está provado, porque não trabalham com gosto, com brio, com decisão?

Entendem que não devemos fallar nestas e outras coisas em publico, só porque nos ouvem os adversarios?

Mas onde é o Centro (já é a segunda vez que o perguntamos) que queremos lá ir tratar destas e outras coisas?

O abbade de Pinheiro

Chama-se Mathias, o abbade, e está *colado* na freguezia de S. Salvador de Pinheiro — esta prenda! As suas qualidades e virtudes são tantas que já por algumas vezes a junta e mais os freguezes o foram *recommendar* a Braga, que é como quem diz — ao arcebispo.

Na freguezia onde elle devia ser um *pastor d'almas*, um conselheiro, um amigo, o abbade Mathias é um *mostrengo* que o rebanho atura — por castigo.

Mas, oh descontentamento! Aquella praga, só por morte, tal a encoberta protecção que o ampara no arcebispado! Não pode ser, dizemos nós, que vimos em defesa dos bons parochianos dessa freguezia os quaes exigem e tem direito a um padre... mas padre que o saiba ser!

O abbade Mathias é moralmente e materialmente um sujo! Grosseirão em extremo, tem o privilegio de desagradar a todos — até a Deus a quem muito mal serve.

Não pode ser! Ou a auctoridade do sr. arcebispo se intremette no caso e reforma este *ministro*, beberão e mau, ou a paz da aldeia terá de ser alarmada, tocando os sinos a rebate!

Decida quem pode e evite quem deve...

Cobrança de impostos

Resolveu a commissão administrativa deste concelho cobrar por conta propria os impostos camararios.

Creemos que a commissão tenha estudado o assumpto convenientemente para que em seu tempo bem possa merecer da opinião, que de começo lhe falta pelas incertezas do emprehendimento e pelas naturaes dificuldades no serviço.

Por nós consignamos aqui o desejo de que a experiencia se revele util, deixando exemplo de continuidade, pois sômos pela municipalisação dos serviços — que é a cobrança directa.

Junta de Parochia de S. Paio

Nomeadas as commissões administrativas parochiaes das tres freguezias da cidade, foi-lhes dada a posse na segunda-feira da semana corrente. Nada de anormal se presenciou nas duas freguezias da Oliveira e S. Sebastião; livros de escripturação e haveres inventariados foram apresentados ás novas commissões administrativas e, por estas, foi consignado o facto, descripto e assignado.

Outro tanto não se deu com a junta de S. Paio. E' esta uma freguezia que derrama os seus parochianos, logico seria que alguns livros de escripturação existissem; pois livros de inventario, escripturação, boletins, contas, recibos, etc., nada appareceu, a não ser um cartapacio de actas, dactada a ultima de tempos immemoriaes!

Que a vida administrativa desta parochia pouca importancia tenha, acreditamos; sómente porque *pouca importancia tenha* é que o seu thesoureiro devia prestar melhores contas — de mais, tendo verba para cartorio.

Em face disto os novos membros da junta vão requerer uma syndicancia administrativa para ficarem sabendo... o que vae por lá.

No tribunal

—Como se chama o reu?
—Cerqueira Pinto, snr. juiz.
—Profissão?
—Chefe de esquadra snr. juiz.
—Sabe de que é accusado?
—Não me accusa a consciencia...

—Tem a palavra o snr. Procurador da Republica, digo — a «Alvorada»:

Bons leitores: Era duma vez uma monarchia que tinha um rei. Um dia o «seu governo» disse-lhe para visitar os seus dominios e vassallos, e o rei «menino e moço» visitou os seus dominios e vassallos.

Entrou em Guimarães... quando o sol ia a caminho do zenith, e o povo contente e alegre, bradava nas ruas do burgo historico e fiel:

Real! Real!

Viva el-rei de Portugal!

A' noite — quando as estrellas sorriem e a lua dá ais — uma luminosa marcha desfilava, impo-nente, feerica, colossal. Era uma segunda edição da «Marcha Milaneza». E o soberano duma janella, contente de ver o «seu povo» distraído, sorria na conjecturação philosophal de que um rei nunca é caro nem custa a sup-

portar, quando este sorri á multidão que passa.

Como diziamos, seguia o cortejo, animado pela caixeirada em folga.

De repente — estas coisas são sempre de repente — o cortejo pára, não anda, não prosegue!

O que foi?

O que seria?

Porque não marchava a *marcha*?

Fôra o reu Cerqueira Pinto, (aquelle que da policia figurava na comitiva do rei) que sob a brutalidade da sua pata atirara, a *gume*, este arrote bestial:

—Magarefes de Guimarães! para traç!

Fez-se a Republica. A justiça trouxe ao banco dos reus Cerqueira Pinto. Mas a Republica, que conseguiu marcar-o como reu, viu passar sem castigo o miseravel que ha dous annos, pela visita do rei a esta cidade, fizera proezas de beleguim em opereta comica.

Para este resultado foi preciso que as testemunhas dessemphassem uma farça combinada entre bastidores.

Triste!

Alfredo Guimarães

E' um nosso conterraneo justamente apreciado pelos seus merecimentos litterarios — lá fôra. Sim, porque o Alfredo Guimarães acolhido na *Illustração Portuguesa* e applaudido pela plateia do Theatro Nacional, não tem ainda para o *meio artistico* da sua terra, titulos para que se abalance a fazer uma conferencia na *douta* Sociedade M. Sarmentol

Vem isto a proposito duma local do *Commercio* em que se diz que a Sociedade não lhe accitou uma conferencia que o nosso intelligente conterraneo lhe offerencia. Faltava mais este prurido da aristocratica instituição vimaranense!

Mas nós sabemos: é que os vexava a modestia do seu nascimento, talvez, hein?

Existe? não existe?

Positivamente não se sabe, não é mesmo tarefa facil vir a saber-se. O que sabemos é que em 1906 nós e poucos mais fundamos ahi num 5.º andar da baixa um Centro Republicano, do qual nos recordamos muito bem pelo carinho e pela porção de energias que com elle gastamos, pelos ataques que moveram á sua escola nocturna, onde fomos por devoção á causa, ajudante de professor, por uma serie de factos que agora nos passam em mente vividos e reaes... Sabemos depois disto que ahi por fins de 900 — já quando João Chagas prophetisava a Republica para breve — outros vieram juntar aos nossos esforços, sem exito, os seus esforços, sem igual.

EM FOCO...

Irmandades... por dentro

Dinheiros... por fora

se malevolmente, sem coragem de confessarem o seu erro de pessima politica.

Concedida a meia razão que possuem no primeiro nome, tudo o mais é... habilidade de frade.

Mas fiquem-se, fiquem-se na Comissão—já protestamos como manda a disciplina dum partido democratico—sómente seria bom que mostrassem folego para accumulações.

Sim, porque a verdade é que nada fazem!

As medidas uteis

DO

Governo da Republica

Faz hoje precisamente 3 meses que o glorioso povo lisbonense, sacudindo o despotico jugo que a todos opprimia, numa louvavel e energica acção, immediatamente accete pelas povoações mais cultas do Paiz, derrubou um regimen que vinha durante seculos, aniquilando as generosas manifestações de liberdade popular.

Implantada a Republica, após os primeiros dias da organização indispensavel, principiou o seu Governo provisorio a manifestar quanto era animado de bem servir a causa do povo, até então repellido e espinhado, sob mil formas. Até a instrucção primaria e o seu corpo docente foram das primeiras organizações a ser beneficiadas com a cuidadosa attenção do mesmo Governo e muito especialmente do M.^o Director Geral.

O decreto tornando gratuitas as informações da effectividade de serviço, a portaria recordando aos subinspectores o sentimento de fraternidade para com os professores, seriam motivo bastante para obrigar a gratidão e reconhecimento dos mesmos.

Mas a resolução por sua ex.^a expedita no seu despacho de 30 de dezembro p. findo, excede tudo quanto poderíamos esperar de humanamente bondoso!

As professoras encontraram em sua ex.^a uma protecção que Governo algum monarchico já jamais lhes concedeu; e com tanto mais reconhecimento aqui venho tornar patente o meu agradecido sentir, quanto eu fui uma das mais prejudicadas em casos taes, vendendo-me já na necessidade de sahir do leito após 10 dias de parturicção para exercer as minhas funcções profissionais afim de não perder o exercicio de agosto e setembro!

Não creio que professor algum do Paiz ainda conserve prevenções contra tão humano regimen; em caso affirmativo cumpre banilas promptamente e reconhecer que quem assim manifesta medidas de valor, tem jus a mais absoluta e incondicional gratidão, e até á intensa diffusão na escola e fóra della, dos ideaes de liberdade e fraternidade, com que o mesmo Governo se vem affirmando.

Ao professorado feminino cabe, ainda mais que ao masculino, o dever de reformar os costumes do Povo, ainda ignorante; que todas dediquem os seus esforços a tornar amada a Republica, destruindo arrejados preconceitos, e bem terão merecido desta Patria tão querida que homens de reconhecido valor e não menor bondade, levarão, sem duvida, aos aureos esplendores da independencia, pela instrucção, pelo trabalho e pelo civismo.

Maria da Conceição Miranda de Barros.

(Professora)

Restauraram elles o Centro, elaboraram-lhe um regulamento; correram os mezes,—a Republica tardava — e o Centro restaurado em melhor epocha, acompanhado de melhores vontades, nada... absolutamente nada fazia.

Existiria o Centro?

Um dia quizera um acontecimento que nós enviásemos á sua direcção um officio chamando a sua attenção para o caso:—«A imprensa republicana expulsa do gabinete publico de leitura da Sociedade M. Sarmiento reclama desde Centro um formal protesto. E' urgente que faça reunir». Este o teor do officio que lhe dirigimos.

O officio iria agora illucidarnos sobre a existencia real do Centro e, esperamos, esperamos, esperamos—té que fomos assaltados pela ideia de que a falta de resposta só podia explicar-se, caso o officio não tivesse sido entregue. Certificamo-nos. O officio havia sido entregue. Dessa data e desse facto mais se nos fez a ideia de que o Centro... não existia, positivamente! Mas como republicano decidido que não soffre de ruins manhas, dirigimos nós a campanha contra o acto da Sociedade M. Sarmiento.

E' durante ella e depois d'ella o Centro—nada! Mas haveria ainda duvidas?

Temos mais ainda...

Fôgo de vistas

A despeito do que escreveu, ou venha a escrever a *Velha Guarda* sobre o estafado assumpto — nomeação da Comissão Municipal (orgão politico) nada, absolutamente nada vem alterar a nossa opinião de que foi uma *accumulação escusada* a accumulacção da Comissão Municipal na commissão administrativa—acto esse que perpetrado e realzado de má-fé representa um erro de má politica, sensuravel.

Accumulacção escusada, accumulacção desnecessaria, dissemos e dizemos nós á *Velha Guarda*, pois conhecendo, *por experiencia*, quaes os republicanos que Guimarães contava em antes da revolução, habilitados estavamos, portanto, a indicar-lhe alguns nomes.

A *Velha Guarda*, porem, cuja missão neste caso era, acima de tudo, não *deixar-se convencer por nós*, layrou sobre os cinco nomes que ao acaso lhe lembramos como aptos a fazer parte dessa Comissão a sua sentença condemnatoria. Ficamos inutilizado. Podíamos lembrar-lhe mais outros e, seguindo aquelle exemplo adoptado para a commissão administrativa, nós poderíamos lembrar-lhe mais e mais, se de lá não houvesse só... *habilidades*.

Pois o que significa, o que representa a sua apreciação vertida sobre os cinco nomes?

Que elles não satisfiziam? Ora vejamos o criterio de apreciação:

A—Não serve porque... accumular por accumular, accumulam elles que podem mais.

B—Não serve porque... não tendo accete um lugar na commissão administrativa era de *suppor* que elle não o acceitasse na Comissão Municipal.

C—Não serve porque... deve vir a servir para presidente dum coisa que ainda hade vir a ser.

D—Não serve porque... assignara *com o seu verdadeiro nome* uma proposta de sócio do Centro Republicano e elles fingem ignorar-o.

E—Não serve porque... os Artistas não são deste mundo e a politica, a boa politica republicana não é dos Artistas.

Justificam-se? não; defendem-

Agora sim, agora se vae vendendo, se vae conhecendo, se vae apurando o que queria dizer aquella extranha apreensão que certa gente tinha do advento da Republica, com que certa gente ouvia fallar da Republica!

Pouco e pouco, dia-á-dia, agora se vae explicando porque nós, os republicanos, eramos arditosamente perseguidos nos nossos interesses, grosseiramente injuriados na nossa fé, perversamente maltratados na nossa probidade!

Agora que a Republica veio, que a Republica é um facto, que a Republica se faz sentir, agora que o novo regimen estabelecendo-se e impondo-se pelas syndicanacias entrou de remover podridões antigas, negocios escuros, velhaoitos de sachristias, agora, finalmente, (melhor do que então se poderia suppôr) é que se vae vendendo que o susto de certa gente era receio ao castigo, que a ceulma de certa gente era medo ás responsabilidades! As irmandades! o que ahi não vae por essas irmandades!

As irmandades e confrarias que outrora foram instituições prestantes, de auxilio e previdencia; as irmandades e confrarias que noutras tempos constituíam gremios de classes, associações mutualistas; as irmandades e confrarias que tiveram uma epocha de prosperidade, representando, então, (a pár das ephemeras recompensas da alma) um papel religioso e social, são hoje, numa epocha de crenças novas e necessidades differentes, uma sombra do que foram,—sombra que vae desaparecendo, que se vae sumindo. A sua volta já se não formam, nem as convicções, nem os entusiasmos desse tempo, prestes a passar de vez e para sempre; já os *irmãos e confrades* se desviam abandonando as sachristias, onde se debatiam os partidos das philarmonicas, as rixas dos armadores, já, finalmente, as procissões veem as suas alas rarearem, mesmo com o prometido *rosario*, as varas dos palios não teem distincção, nem as varas de mezaos são hoje coisa que alguem dispute. Todavia, constate-se aqui; é o concelho de Guimarães o mais fértil, diremos mesmo, o mais rico em irmandades. O capital destas corporações orça por algumas centenas de contos.

E' isso o que nos leva a fallar de irmandades.

E' evidente que poucos são aquelles que hoje pretendem servir cargos nestas corporações, mas também é conhecido que alguns as servem... para se servirem. Lá dentro (e isto só bastaria para desanimar muitas dedicacções) impera o caciquato, especie de senhor que *tudo lo manda*! Admitta-se que um natural retrahimento, filho do espirito da epocha e do não-te-rais do tempo, difficulasse a escolha das suas gerencias; mas o que não tem uma explicação séria, honesta, nem airosa, é saber-se que parte dessas corporações fazem *contas de sacco*, não apresentando, (porque não a fizeram) escripta em ordem e em termos! Veja-se, por exem-

plo, este quadro edificante, pois representa o ultimo anno em que essas corporações apresentaram suas contas:

Almas—há 6 annos que não descrevem uma verba de receita ou despeza sendo uma irmandade com vinte e tantos contos de capital!

Santo Homem Bom—desde 1906!

Nossa Senhora da Misericórdia—desde 1905!

Senhora do Terço—desde 1904!

Santo Antonio—desde 1906!

Corcão e Chagas, tambem com um bonito capital—desde 1904!

Santa Anna—desde 1904!

Sacramento de S. Paio—desde 1902!

S. Crispim e S. Crispintiano—desde 1904!

Ordem 3.^a de N. Senhora do Carmo—desde 1906! etc., etc.

E todavia estas irmandades podem dizer-se que tinham um *thesoureiro* e mais um *cartorio perpetuo*, ambos unidos, ambos devotados, *ambissimos agarradissimos* a estas corporações e, sob a capa dos santos, tão *briosamente* tratadas...

Habitados a ver servir nessas irmandades cavalheiros de probidade e honradez comprovada; conhecedores das modalidades e fraquezas do coração humano em que uns são victimas da sua bondade, outros culpados da sua negligencia e ainda muitos *comidos* pela sua ignorancia ou boa-fé, neste caso das irmandades nós queremos, em vez de correr atrás de suspeições que por ahi correm, rogar instantemente á autoridade administrativa, que não abandone o assumpto das irmandades mandando proceder a uma syndicanacia rigorosa e urgente a essa *burundanga* administrativa.

Lembraremos aqui, que, já bem grande, bem esticada, bem amiga tem sido a auctoridade, concedendo prazos e mais prazos para a regularização de contas, que se não regularisaram, para a apresentação de capitaes e inventarios, que não appareceram!

Nesta altura em que a babyonica trapalhada das irmandades está em começo descoberta, neste momento em que a opinião publica se preocupa e discute *a serio* a vida destas corporações, preciso se torna que o escandalo se não abafe sob pretextos de commodidades... individuais.

Vimos, pois, no cumprimento dum dever jornalístico recomendar ás auctoridades, que não afrouxem, que não desanimem, que não desviem as attencções deste caso, pois que, são os factos vistos e previstos, ditos e por dizer, quem reclamam e reque-rem essa attenção.

Entretanto, e sem epocrytas lamentações nem *jeremiadas* piegas, nós bradaremos:

Syndicanacias! para salvar o prestigio dessas instituições religiosas;

Syndicanacias! para rehabilitar conceitos e definir caracteres;

Syndicanacias! para punir os que abusaram, para salvar dinheiros em perigo—para honra da Republica.

Questões d'Arte

(Concluindo)

Um dos mais poderosos factores de iniciação artistica dum povo é, certamente, constituído pelas

—*Exposições temporarias e muzeus permanentes*. As exposições promovidas pelas nossas Sociedades de Bellas-Artes, invocadas com o pseudo-titulo de *Salons*, sam apenas certamens onde concorre, por vezes em larga escala, infelizmente, tudo o que temos de peor em temperamentos de artista. Mas nem essa designação chega a merecer a maioria dos expositores: sam os amadores Fulano e Beltrano, as meninas filhas do conselheiro Z (1), a senhora viscondessa de Tal e outros de igual força intellectiva. Correm, pressurosos, os papás; voam, radiantes, os *snobs*; apparece elogiosa a critica, e todos acham muito *chic*, muito bem pintado, muito lindo. Os organizadores do certamen recebem muitas adulações e cumprimentos, sam «pessoas de muito bom gosto», «muito artistas», etc... E, afinal, o povo, o grande publico nada lucrôu com essa arte ridicula e pretenciosa, com essa arte que é prenda de burguezinhas ricas e exclusivo de incapacidades. Alguns bons artistas que por esse paiz estiolam absteem-se de expor com taes *collegas*; o melindre é naturalissimo, comprehende-se.

Ora o que nós queremos é que os que tomam a iniciativa de taes exposições convidassem apenas aquelles vultos cujo merito artistico é bastantemente reconhecido para exporem as suas obras e franqueassem, o mais possível, o accésso a todas as classes. Só assim lucrará o nosso espirito e a nossa educação.

Quanto aos muzeus, os principaes que temos sam o de S. Lázaro, no Porto, e o das Janellas-Verdes, em Lisboa, afóra as colleccções particulares, mais ou menos valiosas, e as obras destacadas, isoladas e esquecidas por essas terras do paiz.

Os edificios onde taes muzeus se encontram instalados, tanto o do Porto como o de Lisboa, sam absolutamente improprios—partidos antigos, aproveitados, talvez, occasionalmente para tal fim, sem nenhuma das condições que um muzeu d'Arte requer.

Um muzeu d'Arte precisa dum a luz certa, coada e suave, que em nada prejudique o effeito, o colorido ou a forma da obra prima.—Nos nossos muzeus é impossivel admirar alguns quadros, devido á incidencia da luz produzir um brilho que nada deixa ver; outras obras, então, repozam completamente no escuro.

Um muzeu d'Arte necessita de salas espaçosas onde haja distancia sufficiente para que a vista possa abranger, em conjunto, um grande painel, uma decoração larga, uma estatua ou uma vasta composicção.—E' interessante notar-se que, no muzeu das Janellas-Verdes, os maiores quadros encontram-se justamente nas salas mais pequenas e acanhadas.

Um muzeu d'Arte requer uma construcção especial, onde as Obras se resintam o menos possível da acção do tempo.—Tanto no muzeu do Porto como no de Lisboa algumas dessas obras estam irremediavelmente estragadas, devido á falta de protecção contra a humidade, calor, etc.; e, por outro lado, tambem, á nenhuma correcção de muitos dos vizitantes que, imprudentemente, com

(1)—O «conselheiro», como symbolo, é invulneravel a decretos; não acaba, não morre.

a característica ignorancia, mexem nas telas, tocam nos marmores, sem se contentarem com a vista.

Se, em Portugal, houvesse alguma comprehensão do alcance das coisas d'Arte, com um pouco de esforço e boa vontade da parte dos municipios e dos governos, poder-se-hiam já ter construido, ao menos nas duas primeiras cidades do paiz, edificios apropriados, não digo monumentos sumptuosos mas com algumas linhas e alguma architectura, onde se recolhessem convenientemente essas raridades artisticas que, hoje estão abandonadas em casarões conventuaes e sombrios. Feito isto, reunir-se-hiam allí as preciosidades que andam malbaratadas e dispersas, adquirir-se-hiam anualmente, por compra feita com um subsidio do Estado, obras d'Arte dos melhores artistas portuguezes e estrangeiros e ir-se-hia assim augmentando, gradualmente, a riqueza artistica do paiz, vigorando a educação do povo e protegendo a Arte nacional.

Por ultimo — um excellentissimo campo para diffundir e vulgarizar a obra d'Arte e ligar o artista superior com a alma popular é

—A revista d'Arte: Que apresentamos nós de valia, neste genero? Existe, no Porto, uma revista—*Arte*, sob a direcção de Marques Abreu, que, sendo bem impressa e bem trabalhada, é todavia um jornal sem orientação, sem um plano definido: tanto reproduz um bom quadro como um cliché banal de qualquer habilitado. As criticas são, geralmente, vazias de expressão e de autoridade.

Temos a *Illustração portugueza* que nem é uma revista d'Arte, nem uma revista litteraria, mas simplesmente uma illustração mundana. Assim ha mais venda... E, todavia, está a dirigi-la o grande artista que é Malheiro Dias.

Terminou ha tempos, recentemente, uma outra publicação, *A Arte e a Natureza em Portugal*, mais natureza do que Arte, mais um conjunto de aspectos typicos do paiz e panoramas de villas e cidades do que um archivo da Arte nacional. Se outra orientação houvessem tomado os que levaram a cabo esta obra, um grande auxilio poderiam ter prestado á investigação e catalogação de todos os nossos thezouros artisticos, dispersos aqui e alem.

O jornal de caricatura que muito educa tambem, pela graça e pela expressão, nasceu e morreu com Bordallo Pinheiro. Hoje nem existe o traço delicado, nem o espirito, nem o desenho—ficou a semsaboria.

Já vae demasiado longo este despretencioso estudozinho, que pretendeu ser apenas um rapido balanço á nossa educação artistica. Parece-me sufficientemente esclarecido que tal educação está por fazer. Repito: não nos faltam aptidões nem intuição — falta-nos simplesmente cultivar uma qualidade, um dos caracteres psychicos que mais poderosamente se nos revelam.

Aos nossos artistas d'hoje e aos nossos intellectuaes compete a união para cooperarem na mesma obra grande. Quem pretende ser comprehendido faz-se comprehender. Eu não digo que o artista possa moldar a sua Arte pela intelligencia do vulgo, seria um absurdo; o que pode é elevar-nos a todos, pela educação, ao alcance da sua obra.

Trabalhe-se pois pela educação artistica do povo portuguez, para que elle admire e respeite a divina Arte e lhe erga um culto de Amor e de Belleza!

Mario Cardozo.

Pela nossa terra

Consulta Publica

Qual é a obra mais urgente e de mais alcance que a Camara deve emprender?

Respondendo á consulta publica que a «Alvorada» no seu ultimo numero fez aos municipios Vimaraneses, vou dar tambem a minha opiniao sobre o caso, mesmo que esta venha a ser rejeitada por todos os que me leem.

Segundo o meu modo de pensar, o melhoramento de maior utilidade publica que a Camara devia emprender com a maxima urgencia, era em conseguir de harmonia com o governo em elevar o Lyceu nacional a central.

Talvez isto pareça á illustre Vereação um problema difficil de resolver e ao mesmo tempo não menos difficil de conseguir.

Porém attendendo ás circunstancias que vou apresentar, parece-me que isso seria facil de obter-se.

Temos ahí a Escola Industrial com um corpo docente competentemente habilitado, com um bello laboratorio de chimica e com bastantes e bons aparelhos de physica; tudo incorporado no Lyceu (sem deixar de funcionar a Escola é claro) forneceria o indispensavel para o funcionamento dos cursos de sexto e setimo anno. Os professores da Escola têm um numero de aulas inferior ao dos professores do Lyceu, podiam portanto preencher essa falta dando aulas a sexto e setimo anno, ou a outros cursos conforme se convencionasse depois. As aulas na Escola Industrial são nocturnas, portanto não ha inconveniente algum em funcionarem no mesmo edificio e os professores desta terem mais uma pequena obrigação a cumprir. O laboratorio de chimica e os aparelhos de physica, tão indispensaveis para quem se dedica a um curso scientifico, ahí seriam utilizados pelos alumnos que frequentam o Lyceu, e sem prejuizo algum para os que frequentam a Escola.

Desta forma deixaria a Camara de pagar a importante verba de renda de casa que actualmente paga, e essa quantia aproveitava-se já para qualquer remuneração que de futuro fosse preciso fazer, como talvez equiparação aos novos professores.

Assim tornavam-se menos dispendiosos a Escola e o Lyceu, e os resultados destes dois estabelecimentos de ensino seriam muito mais lisongeiros e proveitosos. Por este processo seria facil á Camara conseguir um Lyceu central em Guimarães — o melhora-

mento de maior utilidade publica para esta cidade.

Um estudante.

A pergunta que este semanario dirigiu a todos os municipios vimaranenses dizendo:

«Qual é a obra mais urgente e de mais alcance que a Camara deve emprender?» a minha modesta opiniao responde o seguinte:

A obra mais urgente a realizar é essa mesma a que a commissão administrativa já deu empreendimento, sendo a mudança do jardim publico do Tournal para S. Francisco, e da estatua de D. Affonso para o Tournal.

E, julgo-o assim, porque não só satisfaz a boa esthetica da cidade, como tambem favorece com um jardim mais amplo, uma necessidade da população.

J. d'Almeida.

Aproveitando-me dum das regalias concedidas na consulta publica da «Alvorada» eu simplesmente respondo:

Quaes são os titulos de nobreza e de verdadeira gloria vimaranense? Os que figuram no alvorecer da nossa historia patria, como nação independente, de que Guimarães foi a primeira capital.

Que padões temos nós a attestall-o? O soberbo castello coevo e a veneranda capella de Santa Margarida, ambos monumentos, reconhecidamente nacionaes.

Que parte da cidade temos nós condignamente aformoseada para mostrar aos estranhos ou para recreio nosso? Nenhuma.

Pois bem. Lancemos o olhar para a cidade alta, airosa e saudavel; limpe-se o terreno e ajardine-se á moderna, em volta daquelles monumentos vetustos, até ao Cano (aformoseado tambem, em alameda), até á estrada de Fafe, prolongada em avenida por de traz e junto daquelle paço, por um lado, e pelo Carmo abaixo, até ao centro da cidade, por outro, como for mais viavel. Será um pouco caro, mas é a unica coisa com geito, tendo ainda a vantagem de attrahir para ali o gosto pelas construcções.

É necessario que Guimarães, primeiro que tudo, não seja uma raridade archeologica apenas no seu valioso museu, e para seu proprio interesse é necessario que não afugente de si os visitantes, como de qualquer maltrapilho.

Capitão Pina.

NOTICIAS

Visita official

O ex.^{mo} Governador Civil deste districto Dr. Manoel Monteiro, chega a esta cidade na segunda-feira, pelas 11 horas da manhã em visita official.

A commissão municipal administrativa dirigiu convite ás varias corporações e entidades officiaes para a recepção de S. Ex.^a que será organizada no Proposto, seguindo para os Paços do Concelho.

O digno chefe do districto visitará depois a Santa Casa da Misericórdia e outras instituições publicas da cidade.

Salão Etoile

Participamos ao respeitavel... que esta empreza cinematographica nos dará fitas novas—sem a *Vida de Christo*.

É uma noticia que deve satisfazer os frequentadores deste Salão.

Parabens á empreza e mais ao publico.

Paroçial de S. Paio

A primeira reunião desta junta administrativa tomou deliberações importantes e que muito revelam a sua boa vontade de trabalho. No proximo numero daremos um extracto desenvolvido desta sua primeira reunião.

Reune amanhã, domingo, a junta administrativa da Oliveira.

Plano de Beneficencia

É um trabalho de alta importancia intellectual e moral com que o activo e intelligente administrador deste concelho snr. Dr. Eduardo d'Almeida, vem honrar a sua gerencia.

Damos hoje esse esplendido trabalho em separata, no nosso jornal.

Ao bom amigo, os nossos parabens, e que o seu bello empreendimento encontre vontades a auxiliall-o para que, em breve, se torne pratico o seu bem elaborado plano.

Jurados criminaes

Foram sorteados para constituirem o jury criminal no corrente anno de 1911 os seguintes cidadãos:

1.^o Semestre

Joaquim Luiz de Carvalho Pinheiro, Manoel Mendes, Simão Ribeiro, Francisco Diniz Machado de Carvalho, José Gonçalves Barroso, Francisco da Costa e Silva Guimarães, Joaquim José Marques Guimarães, Alvaro Jorge Guimarães, Joaquim Ferreira Guimarães, Francisco Gonçalves Junior, Victorino Simões Lopes Sampaio, Antonio Duarte da Cunha Guimarães, Domingos da Cunha Ribeiro Guimarães, Antonio José da Silva Basto Junior, José Joaquim Simões Sampaio, Luiz da Costa Mello, Antonio Coelho da Motta Prego, Antonio de S. José Alves Ribeiro, Alfredo d'Oliveira Sousa Peixoto, Antonio Teixeira da Costa e Silva, José Pinto de Sousa e Castro, Bento de Freitas Ribeiro de Faria, José Pinheiro Salgado, Manoel José Pimenta, João de Sousa Neves, Alvaro Marques de Sousa, Francisco José de Carvalho e Oliveira Junior, Domingos de Sousa Ribeiro, Antonio Fernandes Porto, Albano Pires de Sousa, Manoel Pereira Torres Carneiro, Adelino Alves Pontes, Manoel José dos Santos, João Campos da Silva Pereira, Antonio Lopes Leite de Faria e José Rodrigues Junior.

2.^o Semestre

José Lopes da Cunha, João José Marques de Freitas, José de Freitas Ribeiro de Faria, Joaquim Patricio Saraiva, José Maria d'Oliveira, José Diniz Salgado, Lourenço da Silva Fernandes, Tobias Pires da Costa, Manoel Augusto Pereira Duarte, João José Gomes, Domingos Pereira Mendes, Luiz Alves de Freitas, Antonio José Pinheiro, Antonio Joaquim de Sousa, Antonio José Mendes Guimarães, Antonio José da Silva, João Vasco Cardoso Guimarães, João da Silva Mendes, José da Silva Guimarães, José Antonio Gonçalves, Francisco José Coelho, José Joaquim da Costa Marques, Benjamim Constante da Costa Mattos, Bento José Leite, José da Costa Menezes, João Gonçalves, Antonio Alves Teixeira, Antonio de Sousa, Antonio Leite Pereira, José Joaquim de Sousa Felix, José Duarte Guimarães, José Antunes Machado, José Dias Pereira Lemos, José Mendes de Sousa Machado, Antonio José Ribeiro e Antonio Ferreira Ramos.

Calendario

Do snr. José da Silva Guimarães proprietario da firma Manoel Lopes d'Araujo Guimarães, Suss.^o, depositario da Fabrica a Vapor de Pentes de Chifre e Celuloide de Eduardo & Silva, com atmazem de feragens e cutelarias,

recebemos um bonito e bem impresso calendario para o anno corrente.

Agradecemos.

Notas da policia

Má brincadeira.—Foi entregue ao poder judicial a queixa apresentada na policia por José Rodrigues Piairo, da freguezia de S. Clemente de Sande, contra Manoel Mendes Leite e Antonio de Freitas, ambos da mesma freguezia porque tendo-se casado o Leite, no dia 22 do mez findo, o Piairo, queixoso, andou a pedir aos seus amigos para lhe irem á noite fazerem uma festa, com muzica infernal, composta de Businos, pannelos velhos, cornetas, pifres etc. Resultado: o Leite zangara-se com a brincadeira e disparou uns tiros para o ar, com a infelicidade de irem alguns grãos de chumbo arranharem as pernas e a cara do mestre da philarmónica mephistophelica.

Roubo.—João Fernandes, lavrador, do logar de Lenhares, de Santo Estevam de Briteiros, queixou-se contra os conhecidos gatunos, Antonio «Colhereiro», do logar da Ponte de Donim, Custodio José do Couto, o «Abelheiro», e um tal Theotónio de Macedo, da freguezia de Santo Emelião, da Povia de Lanhoso, por na noite de 27 de novembro findo, lhe arrombarem as portas da habitação e roubarem-lhe diversos objectos e ferramenta de lavoura, roupas, milho, estopa, gallinhas, farinha, azeite, vinho e quatro covados de cotim, tudo no valor de reis 180000.

Foi a queixa para juizo.

Aggração.—Queixou-se Maria Rosa, casada, do logar de Ribas, contra Domingos Fernandes, o «Rival» ambos da freguezia de Santo Estevam de Briteiros, por aggradir a queixosa com uma bofetada.

Foi a queixa para juizo.

Convite

Devendo chegar a esta cidade, em visita official, no dia 9 do corrente, pelas 11 horas da manhã, o Ex.^{mo} Dr. Manoel Monteiro, digno Governador Civil d'este districto, a Commissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães convida o povo d'este concelho a tomar parte na recepção que será organisaada no Proposto, acompanhando-o em seguida até aos Paços do Concelho onde Sua Excellencia receberá os cumprimentos de todas as auctoridades, collectividades e cidadãos que para tal fim se apresentem.

Pelas 6 horas da tarde ser-lhe-ha offerecido um banquete no Hotel do Tournal para o qual está aberta a inscripção até á 1 hora da tarde do dia 7 do corrente, no escriptorio do mesmo hotel.

Guimarães Paços do Concelho, 5 de Janeiro de 1911.

O Presidente da Commissão

José Pinto Teixeira de Abreu.

ALVORADA

SALGADO

RUA NOVA DE SANTO ANTONIO—GUIMARÃES

DEPOSITO DE LUVAS DE PELLICA

Lovas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para senhora. Luvas de pellica brancas, pretas e em todas as côres, para homem. Ditas brancas, pretas e em côres, para creança. Luvas d'algodão, escocia e em seda para senhora, creança e homem, em branco, pretas e em côres. Luvas d'agasalho para homem, senhora e creança, em todas as côres.

CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

FUNDADA EM 1864

AUGUSTO CUNHA & C.^A

27, Rua Nova de Santo Antonio, 29

Armazem de ferragens nacionaes e estrangeiras

Vendas por junto e a retalho

Armazem de Lanificios e Tecidos d'Algodão

DE

DUARTE, AREIAS & C.^A

Largo do Tournal, 130 a 132 e Rua Nova de Santo Antonio, 1 a 5

GUIMARÃES

Vendas a preços fixos



Atelier da Moda

High-Life

Chapeus para senhora e creança

Exposição permanentemente aberta no 1.º andar

Grande sortido de luvas para inverno

Ultimas novidades

93—Rua da Rainha—97

CARDOSO

TOURAL N.º 102 E 104

A casa que vende mais barato

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional	"
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.